Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

EDUCAÇÃO

Negros e indígenas maioria nas federais

Censo do Ensino Superior, divulgado ontem pelo MEC, mostra que os grupos chegaram a 50,1% dos estudantes da rede. Brasil atingiu novo recorde de alunos em 2025, com 10,6 milhões de matrículas

» MARIANA GARCIA*

Pretos, pardos e indígenas são maioria pela primeira vez nas universidades federais. São 658,9 mil estudantes, o equivalente a 50,1% das matrículas. Em 2013, esse grupo correspondia a apenas 22,5% do total. Na população em geral, representam 56,3%. Os dados são do Censo da Educação Superior, divulgado ontem pelo Ministério da Educação (MEC).

De acordo com o levantamento, o Brasil alcançou, em 2025, o recorde de estudantes matriculados em cursos de graduação, com 10,6 milhões de alunos. Além disso, 24,5% dos brasileiros de 18 a 24 anos estão na universidade. Quando são considerados também os jovens que já concluíram a graduação, o percentual chega a 29%. No início dos anos 2000, essa proporção ficava entre 10% e 11%. Apesar do avanço, o país ainda não atingiu a meta de 33% prevista para 2024 no Plano Nacional de Educação (PNE). O novo plano estabelece o objetivo de chegar a 40% até 2036.

Entre 2024 e 2025, o ensino superior ganhou cerca de 400 mil matrículas. O crescimento, porém, não se reflete na mesma proporção na conclusão dos cursos. O número de formados avançou em ritmo bem menor, o que evidencia que ampliar o acesso ainda não é suficiente para garantir que os alunos cheguem ao fim da graduação. As universidades federais receberam 362 mil novos estudantes em 2025, 40 mil a mais do que em 2022. Desse total, mais de 114 mil ingressaram por meio de políticas de reserva de vagas destinadas a alunos de escolas públicas.

Durante a apresentação dos dados, o ministro da Educação, Leonardo Barchini, destacou a importância da formação para os jovens. "No Brasil, o diploma de educação superior ainda premia o trabalhador com uma remuneração duas vezes e meia maior do que quem não concluiu o ensino superior", explicou.

Porém, reconheceu que garantir a permanência dos alunos é uma das principais dificuldades do ensino superior. Ele destacou a necessidade de ampliar a assistência estudantil e citou a demanda por restaurantes universitários e outros recursos de apoio. Segundo Barchini, essas medidas são fundamentais para que estudantes com menos condições financeiras consigam continuar os estudos e concluir a graduação. "Nós estamos em uma disputa por atenção dos jovens", pontuou.

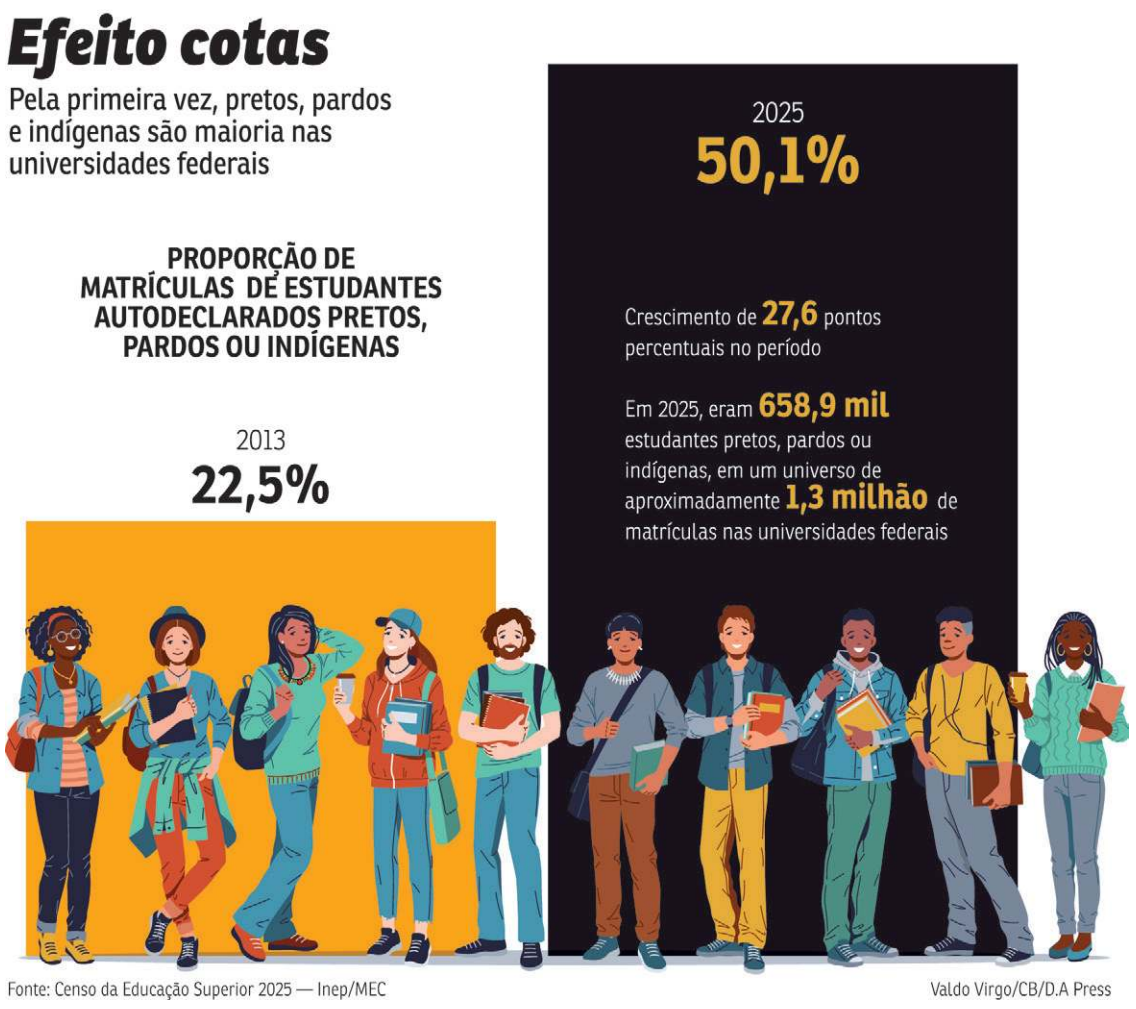
O percentual de estudantes que ficaram sem vínculo com qualquer curso caiu de 17,5%, em 2024, para 16,8%, em 2025. Mas o acompanhamento de uma turma que ingressou em 2016 mostra que muitos não conseguem concluir a graduação: dez anos depois, 63% haviam abandonado o curso, 36% se formaram e 1% ainda estava matriculado.

A evasão acumulada também varia conforme a modalidade de ensino. Na educação a distância, chega a 69%, enquanto nos cursos presenciais fica em 60%. Em algumas licenciaturas, como matemática, física e sociologia, o índice alcança 74%. A conclusão no tempo previsto também é um desafio, sobretudo nas instituições privadas. Em 2025, 43% dos estudantes da rede pública se formaram dentro do período esperado para o curso. Na rede privada, o percentual foi de 35%.

EaD

A educação a distância (EaD) reúne 5,46 milhões de estudantes e responde por 51,3% das matrículas no país. A preferência pela modalidade é ainda maior entre quem acaba de ingressar no ensino superior: dois em cada três novos alunos escolheram cursos a distância em 2025. Mais de 95% dos matriculados nessa modalidade estudam em instituições privadas. Já o ensino presencial voltou a crescer depois de nove anos consecutivos de queda. Em 2025, as matrículas aumentaram 1,8% e chegaram a, aproximadamente, 5,1 milhões.

O levantamento também contabilizou, pela primeira vez, os cursos semipresenciais, que combinam atividades a distância e presenciais. Pelas novas regras, pelo menos metade da carga horária deve ser cumprida presencialmente. Ao todo, foram registradas 51 mil matrículas nesse formato.



Fonte: Censo da Educação Superior 2025 — Inep/MEC

Valdo Virgo/CB/D.A Press

> **No Brasil, o diploma de educação superior ainda premia o trabalhador com uma remuneração duas vezes e meia maior do que quem não concluiu o ensino superior"**
>
> ***Leonardo Barchini,*** *ministro da Educação*

CLIMA

Mais chuva nos próximos dias

» CAETANO YAMAMOTO*

O Brasil segue assolado por tempestades em grande parte do seu território. Pancadas de chuva podem ocorrer nesta sexta-feira em quase todas as regiões, à exceção do Nordeste, onde o tempo deve permanecer firme, sendo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Outros locais, porém, enfrentam o cenário oposto, com seca e estiagem.

De acordo com o instituto, os três estados da Região Sul (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná) estão com alerta laranja (perigo) para chuvas intensas. Segundo o órgão, a partir de 9h40 de hoje, poderá ter chuvas de 30 e 60 mm/h ou 50 e 100 mm/dia, com ventos intensos (60-100 km/h). No Sudeste do país, o Inmet alerta perigo potencial para chuvas intensas nos quantro estados (Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo). Com chuva entre 20 e 30 mm/h ou até 50 mm/dia, ventos intensos (40-60 km/h). Baixo risco de corte de energia elétrica, queda de galhos de árvores, alagamentos e de descargas elétricas.

O Inmet recomenda que, em caso de rajadas de vento, as pessoas não busquem abrigo debaixo de árvores, para evitar quedas e raios, e não estacionem veículos próximos a torres de transmissão e outdoors. Se possível, deve-se desligar aparelhos elétricos e quadro geral de energia.

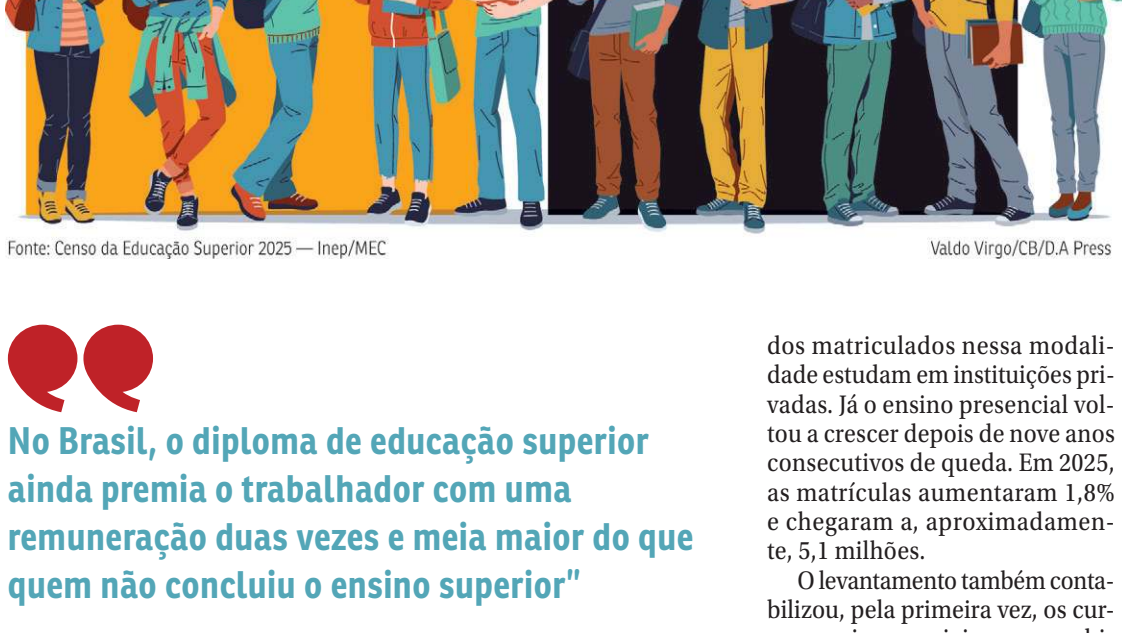
O país enfrenta chuvas fortes desde o início da semana. No Paraná, as enchentes deixaram seis mortos, e atingiram 50 municípios. Ontem, temporais foram registrados em Aparecida, São Paulo, e no Rio de Janeiro, onde escolas estaduais e algumas municipais chegaram a suspender as aulas.

Emergência

O Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), por meio da Defesa Civil Nacional, reconheceu ontem a situação de emergência em 117 cidades afetadas por desastres. Segundo a pasta, foram castigados por fortes chuvas os municípios de: Porto Murtinho, em Mato Grosso do Sul; Cruz Machado, Francisco Beltrão, Honório Serpa, Jaguariaíva e Pitanga, no Paraná; Caiçara e União da Serra, no Rio Grande do Sul; e Matão, em São Paulo. Marquinho e Pérola d'Oeste, no Paraná; Ibiaçá, no Rio Grande do Sul; e Romelândia, em Santa Catarina, foram atingidos por enxurrada. Piraí do Sul, no Paraná, foi atingida por inundação. Por vendaval, foi atingida a cidade de Bandeirantes, no Paraná. Por queda de granizo, foi atingida Charrua, no Rio Grande do Sul.

Além disso, diversos lugares do país sofrem com a falta de água. Passam por estiagem os municípios de Pauini e Urucurituba, no Amazonas; e Cametá e Tucuruí, no Pará. Já 96 municípios de Minas Gerais enfrentam a seca, que é um período de ausência de chuva mais prolongado do que a estiagem.

Corpo de Bombeiros Militar do Paraná/Divulgação



Temporais no Paraná deixaram seis mortos e atingiram 50 municípios do estado desde o início da semana

» Resgate dramático

Um bebê recém-nascido precisou ser resgatado em uma banheira na quarta-feira, em meio a uma enxurrada que atingiu Santo Antônio do Sudoeste, no Paraná. Com a enchente, a mãe e cinco crianças ficaram ilhadas em casa e foram socorridos pela Defesa Civil com o auxílio de bombeiros voluntários da Argentina. O bebê foi colocado na banheira como um barco improvisado, usando ainda uma mochila, garafas PET e cordas, e transportado pela correnteza.

*** Estagiários sob a supervisão de Victor Correia**

SAÚDE

OMS monitora variante da covid-19

A Organização Mundial da Saúde (OMS) colocou sob monitoramento a variante PJ.2.1 do SARS-CoV-2, vírus causador da covid-19. Descendente da ômicron, ela já é a linhagem predominante entre as amostras analisadas pela Fiocruz na cidade do Rio de Janeiro.

Além do Rio, a PJ.2.1 já tem presença confirmada em Estados como São Paulo, Paraná, Bahia, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no Distrito Federal.

Embora a OMS considere baixo o risco adicional à saúde pública global, a linhagem possui maior capacidade de ligação ao receptor humano ACE2, usado pelo vírus para entrar nas células, em comparação com outras variantes, como a XFG. Especialistas apontam maior facilidade de transmissão.

O recente aumento de casos da doença, porém, não pode ser atribuído apenas à nova linhagem. O infectologista do Hospital Sírio-Libanês Ralcyon Teixeira explica que a baixa cobertura vacinal e a redução dos cuidados também precisam ser consideradas. "Só o monitoramento das próximas semanas vai dizer qual é exatamente o peso dela nesse aumento", afirma.

Vigilância

A classificação indica que a linhagem chamou a atenção pelas suas mutações e pela velocidade de disseminação, e precisa ser acompanhada de perto.

A maior transmissibilidade, contudo, não significa necessariamente uma doença mais grave. "Até agora, não temos nenhum sinal de que ela provoque quadros mais graves, nem de que escape de forma importante da proteção das vacinas. Por isso, a OMS considera baixo o risco adicional", explica Teixeira.

Segundo o infectologista, outras linhagens surgidas desde a ômicron também ganharam espaço pela facilidade de transmissão e, posteriormente, foram substituídas. A vigilância permite acompanhar esse movimento e identificar possíveis mudanças no comportamento do vírus.

A infectologista Raquel Stucchi, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e integrante da Sociedade Brasileira de Infectologia, afirma que, até o momento, a PJ.2.1 não tem sido associada a uma maior gravidade dos casos. "Os sintomas são muito semelhantes a qualquer outro quadro de infecção por vírus nas vias respiratórias", diz.

Entre eles estão febre, dor no corpo, coriza, tosse, rouquidão e dor de garganta. Essas manifestações não permitem distinguir a covid-19 de outras infecções respiratórias nem identificar a variante responsável.

A ausência de indicação de maior gravidade também não significa que a doença deixou de oferecer risco. "A covid continua tendo potencial de causar casos graves, internações e mortes, principalmente em idosos, pessoas com a imunidade comprometida e com doenças crônicas", ressalta Teixeira.

Raquel orienta o uso de máscara enquanto houver sintomas respiratórios para reduzir a transmissão, sobretudo para pessoas mais vulneráveis. A precaução deve começar antes mesmo da confirmação do diagnóstico.

Para quem está nos grupos de risco, Raquel recomenda atendimento presencial assim que os sintomas aparecerem. Identificar cedo permite avaliar risco de agravamento. (**Com informações da Agência Estado**)